

Financiar negócios muito pequenos

Surge como a última linha de financiamento para quem as formas tradicionais de ter dinheiro falharam. Cada vez mais responde a pequeníssimos projetos de quem não tem emprego



Luís Meneses

Marta Viseu, à beirinha dos 40 anos, não tem dúvidas: se não fosse pelo microcrédito nunca teria posto de pé o seu negócio. No caso, uma papelaria e tabacaria em Santa Clara, Coimbra, "Marty", que abriu há dois anos. Depois dum percurso como operadora de call center, um problema de saúde atirou-a para o desemprego. E foi na condição de desempregada que assistiu a uma formação de criação do próprio emprego que a levou a tomar conhecimento do microcrédito, a pensar em pessoas que, como ela, precisam dum financiamento relativamente pequeno mas não são elegíveis pelos meios tradicionais.

Cerca de uma semana depois de se ter inscrito no site do microcrédito, Marta Viseu foi contactada. Teve ajuda para elaborar um plano e conseguiu ver o projeto aprovado. Recebeu 10 mil euros, a

pagar em quatro anos, praticamente sem custos acrescidos. E continua a ter apoio por parte da equipa do microcrédito. À INVEST, a hoje empresária explicou que o projeto tem superado as expectativas, de tal forma que deixou de ser um projeto em nome individual, para passar a ser uma empresa unipessoal.

Por definição e conceito, o microcrédito é um crédito de valor muito reduzido, que em média é inferior a 10 mil euros, como explicou à INVEST Luís Meneses, presidente da Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC). O que significa que "as necessidades globais de financiamento são pouco significativas face ao número de pessoas apoiadas". Em média, a cada ano, a ANDC tem apoiado projetos cujo montante total tem ultrapassado 1,5 milhões de euros por ano. Dum ponto de vista prático, a ANDC

começa por fazer consultoria, ajudando o potencial microempresário a analisar a viabilidade da sua ideia de negócio. É criado um plano de negócio, que é avaliado por uma comissão de crédito. Depois o pedido de financiamento é submetido a um dos bancos que têm protocolo com a associação, nomeadamente CGD, Millenium, BES, Caixas de Crédito Agrícola do Noroeste e do Vale do Távora e Douro. Há ainda um acompanhamento do projeto, não só na fase de arranque como também durante todo o período de reembolso do empréstimo. "Tudo isto sem encargos para o microempresário", frisa Luís Meneses.

"É importante referir que os microcréditos apoiados pela ANDC se destinam exclusivamente a pessoas que em condições normais não teriam acesso ao crédito", refere ainda, explicando que isso acontece porque

>Perfil

Lúis Meneses, 61 anos, é natural de Alcobaça e licenciado em Engenharia Eletrotécnica, pelo Instituto Superior Técnico. O presidente da Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC), desempenhou funções como técnico superior no Ministério da Economia. Também foi analista de sistemas e chefe do departamento de informática na Companhia Nacional de Petroquímica, diretor de operações na ITT Páginas Amarelas, presidente da Registrade e gerente delegado da Directel, vogal do CD no Instituto de Segurança Social, presidente do Instituto de Gestão Financeira e Infraestruturas da Justiça



são pessoas que não podem oferecer garantias reais e têm uma situação económica vulnerável. Apenas é exigido um fiador para 20 % do valor do crédito concedido. As taxas de juro disponibilizadas por três instituições bancárias, com as quais a ANDC trabalha, oscilam entre os 3 e os 5%.

Sair do desemprego

No último ano, no entanto, até o microcrédito se ressentiu da crise, tendo diminuído o número de pedidos, mas este ano já voltou a aumentar. A grande diferença é que, cada vez mais, "as pessoas procuram o microcrédito não por terem uma boa ideia de negócio mas por se lhes fecharem todas as outras alternativas para obterem emprego", explica Luís Meneses. Globalmente, nos últimos cinco anos,

foram concedidos 872 créditos, num montante de 5,9 milhões de euros. E, entre as pessoas ajudadas, mais de metade (445) encontravam-se em situação de desemprego.

Na prática, são normalmente pequenos negócios, que não envolvem grandes investimentos. E de áreas variadas, como exemplificou Luís Meneses. "Desde negócios de proximidade como cabeleireiros, cafés e quiosques, ao apoio ao arranque de escritórios de profissões liberais como advogados, solicitadores, arquitetos, pequenos negócios na agricultura e pecuária, e também serviços oferecidos pela Internet com componente tecnológica mais desenvolvida", explicou.

Controlar os riscos

Como em qualquer negócio, a Associação tem consciência que os projetos envolvem riscos e, sendo na sua maioria apresentados por pessoas no desemprego, é legítimo questionar se este passo não irá agravar a situação das pessoas. Luís Meneses confirma que a ANDC tem consciência desses riscos, que procura minimizar através de uma análise criteriosa. Uma avaliação que incide não só sobre a viabilidade do negócio, mas também sobre a pessoa do futuro empreendedor, "se tem as competências necessárias para o levar a bom porto". "Essa análise", explica, "é feita em três momentos, e em cada um deles há uma decisão de 'go - no go': no contacto inicial com o candidato a microempresário, efetuado por telefone ou em reunião presencial, na elaboração do plano de negócio, efetuada sempre em reuniões presenciais entre o candidato e um dos nossos

>>>

Quem recorre ao microcrédito

Destinado a apoiar pequenos negócios com montantes muito reduzidos, o microcrédito em Portugal apoiou, nos últimos cinco anos, 872 projetos, com 5,9 milhões de euros. Destes, a maioria dos projetos entregues partiu de desempregados (445), existindo também muitos empresários em nome individual (140). O montante dos empréstimos para iniciar um pequeno negócio pode ir até aos 15 mil euros, embora, em média, o valor do investimento se situe nos 7.500 euros.

Nestes pequenos projetos, a maioria dos promotores são mulheres (446), embora o número de homens que o fez também tenha sido bastante semelhante (426). A maioria dos empreendedores apoiados tem idade superior a 35 anos. Em termos de distribuição geográfica, o Centro do País congregou 17,32% dos projectos.

Tendo em conta as circunstâncias atuais, tem havido várias instituições a desenvolver iniciativas de microcrédito, como é o caso do Município de Leiria. A autarquia compromete-se a divulgar o micro crédito e criou um ponto de atendimento nos Paços do Concelho, onde técnicas da Divisão dos Assuntos Sociais farão a triagem dos projectos apresentados pelos munícipes interessados em criar um pequeno negócio, mas que estão impossibilitados de ter acesso a crédito bancário, por falta de recursos económicos. Posteriormente, os processos serão analisados e acompanhados pela APDC, sem qualquer custo.

No último ano foram criados, a nível nacional, 174 pequenos negócios com recurso ao microcrédito este sistema, a nível nacional, o que representa um crescimento em relação aos dois anos anteriores.

Em 2011, foram constituídas 164 microempresas. Entre os diversos pequenos negócios aprovados no ano passado, encontram-se rebanhos de ovelhas, alpinismo industrial, venda de peixe ambulante ou serviço de entrega de refeições. A maioria dos empreendedores tem entre 25 e 45 anos e criou negócios ligados ao comércio, alojamento e restauração.

Também já este ano o Banco Espírito Santo celebrou um contrato de crédito no valor de 8,75 milhões de euros com o Fundo Europeu de Investimento, no âmbito do programa europeu de apoio ao microcrédito e empreendedorismo, promovido pela Comissão Europeia e pelo Banco de Europeu Investimento.

técnicos de microcrédito, e finalmente na Comissão de Crédito, onde uma equipa de peritos externos analisa o processo e decide se sim ou não o pedido de crédito deve ser submetido ao banco”.

Foi através deste processo que Hugo Duarte conseguiu viabilizar a sua loja de informática – Format C, a funcionar em Viseu. Vem do tempo do seu primeiro computador, o interesse pelo arranjo das máquinas. No primeiro dia que teve um Windows 95, o então jovem deixou-o a deitar fumo e viu-se obrigado a aprender a repará-los.

Depois de 10 anos na construção civil e estando em formação num curso EFA (Educação e Formação para Adultos), Hugo Duarte especializou-se na sua

área de eleição e avançou para a criação da loja de informática. Inicialmente fê-lo com o seu próprio dinheiro (abriu ao público em Abril de 2011) e foi mais tarde, quando procurava financiamento para melhorar o seu projeto, que se deparou com a possibilidade do microcrédito. Como explicou à INVEST, sem essa ajuda não teria sido possível consolidar o seu negócio, que vai de vento em popa, confidenciou.

O empresário usufruiu de um empréstimo de cinco mil euros, a pagar em quatro anos e explica que, embora as vendas de material tenham caído um pouco, os serviços, que são o seu core business, aumentaram bastante.

É nestes exemplos que o presidente da ANDC se baseia para lembrar que, nesta fase, “o mais importante é ‘pôr a economia a funcionar’ e dinamizar a procura interna”. Ao Estado, sugere que aposte em medidas que facilitem e desburocratizem a criação de novos negócios e que apoie as instituições que, tal como a ANDC, se dedicam ao microcrédito. É que, recorda, a ANDC, “é uma organização da ‘sociedade civil’, sem fins lucrativos e que desenvolve esta atividade por razões sociais e de cidadania”, explicou.

Séfora C. Silva

